

BEIRA ALTA

Revista de estudos da região

Volume temático

Encontro de Arqueologia do Megalitismo de Viseu Dão Lafões:
Investigação, Conservação, Valorização

2021 | VOLUME LXXX
Nºs 1 e 2

Coordenação Coordination

Fátima Eusébio

Conselho Editorial Editorial Board

Dalila Rodrigues

Fátima Eusébio

João Soalheiro

Jorge Adolfo Marques

Sara Augusto

Conselho de Arbitragem Científica Scientific Arbitration Board

Aires Pereira do Couto

Alberto Correia

António Rafael Amaro

Catarina Maria Guerra Tente

Dalila Rodrigues

Jaime Ricardo Gouveia

João Soalheiro

Jorge Adolfo Marques

José Amado Mendes

José d'Encarnação

José Manuel Sobral

José Pedro Paiva

Margarida Sobral Neto

Maria Alegria Marques

Maria do Rosário Pestana

Maria Teresa Soeiro

Sara Augusto

Vitor Serrão

Volume temático Thematic volume

Coordenação Coordination

António Faustino Carvalho

Comunicações do Encontro de Arqueologia do Megalitismo de Viseu Dão Lafões:

Investigação, Conservação, Valorização

Viseu 14 a 16 de outubro de 2021

Coordenação Técnica e Administrativa Technical and Administrative Coordination

Comunidade Intermunicipal Viseu Dão Lafões

Edição e Propriedade Edition and Ownership

CIM - Comunidade Intermunicipal Viseu Dão Lafões

Rua Dr. Ricardo Mota, 16 . 3460-613 Tondela

Execução Gráfica Graphic Execution

trapeziodeideias.com

Depósito legal 1111 • ISSN 2183-6604

Beira Alta, fundada em 1942, é uma revista de periodicidade semestral,
publicada com arbitragem científica.

The Beira Alta Review, founded in 1942, is a peer reviewed scientific publication.

© Edição: CIM, 2021 | © Texto e fotografias: os seus autores, 2021

Assinatura anual: 12,50€ | Número avulso: 7,50€ | Número avulso: 15,00€

ÍNDICE

MENSAGEM DO PRESIDENTE DA CIM VISEU DÃO LAFÕES

APRESENTAÇÃO

ESTUDOS

- A salvaguarda, estudo e valorização de monumentos megalíticos: a experiência da DRCC 17
GERTRUDES BRANCO
- Expressões tumulares de Oliveira de Frades. O Dólmen de Antelas e outros monumentos sob *tumulus* do concelho 41
FILIPE SOARES
- Estudo e valorização dos monumentos megalíticos de Vouzela, um projeto iniciado há cem anos 59
ANTÓNIO FAUSTINO CARVALHO
- Salvaguardar monumentos, contar histórias, promover estudos: o Polo Arqueológico e o megalitismo em Viseu 85
LÍLIA BASÍLIO
- Neolítico e Megalitismo na Plataforma do Mondego (1985-2021): investigação e construção do circuito Carregal do Sal / Nelas 101
JOÃO CARLOS DE SENNA-MARTINEZ
- Dolmen de Dombate: conservación y presentación de un yacimiento megalítico 125
FERNANDO CARRERA
- Campo Arqueológico de Proença-a-Nova: Estudo e valorização do megalitismo funerário 153
JOÃO CANINAS, ISABEL GASPAR, FRANCISCO HENRIQUES, MÁRIO MONTEIRO, PAULO FÉLIX, ANTÓNIO SEQUEIRA, FERNANDO ROBLES HENRIQUES, PEDRO BAPTISTA, ANABELA JOAQUINITO, PEDRO FONSECA, HUGO PIRES, CARLOS NETO DE CARVALHO, ANTÓNIO CORREIA, JOSÉ MIRÃO, TELMO PEREIRA, MÁRIO BENJAMIM, LUIS BRAVO PEREIRA, ANDRÉ PEREIRA, EMANUEL CARVALHO, CÁTIA MENDES e ANA CARMONA
- O megalitismo do concelho de Mora (Portugal): Da investigação à criação do Museu Interativo do Megalitismo 179
LEONOR ROCHA
- Conservación y valorización de los dólmenes de la provincia de Huelva (España). Últimas experiencias 201
JOSÉ ANTONIO LINARES CAELA e CORONADA MORA MOLINA
- El arte prehistórico en las declaraciones de Patrimonio de la Humanidad. El arte postglacial ibérico como ejemplo de protección de un patrimonio territorialmente discontinuo 231
PRIMITIVA BUENO RAMÍREZ, ROSA BARROSO BERMEJO e RODRIGO DE BALBÍN BEHRMANN
- Quando a arqueologia faz sentido. MEG, Rota de Megalitismo de Viseu Dão Lafões e Sever do Vouga 275
PEDRO SOBRAL DE CARVALHO

O MEGALITISMO
DO CONCELHO DE
MORA (PORTUGAL):
Da investigação à criação
do Museu Interativo do
Megalitismo

LEONOR ROCHA

Universidade de Évora/CEAACP

Resumo

A importância do conjunto megalítico existente no concelho de Mora é conhecida internacionalmente desde 1921, através da publicação de uma das primeiras monografias dedicadas à Pré-história em Portugal, o “El Neolítico de Pavia” (Correia, 1921). O reconhecimento do valor do seu património cultural levou a autarquia a investir num programa sistemático de apoio a projetos de investigação desde 1994, coordenados pela signatária e, no início da segunda década do século XXI, a avançar para um projeto de divulgação deste património, através da criação de um museu dedicado ao megalitismo. O Museu Interativo do Megalitismo de Mora é um museu que concilia a visão mais tradicional da museologia com as novas tendências interativas e pretende ser uma opção de elevada qualidade cultural, para um roteiro no interior do país.

Palavras-chave: Megalitismo; Mora; museu; divulgação; turismo; arqueologia.

Abstract

The importance of the megalithic ensemble existing in the municipality of Mora has been known internationally since 1921, through the publication of one of the first monographs dedicated to Prehistory in Portugal, the “El Neolítico de Pavia” (Correia, 1921). The recognition of the value of its cultural heritage led the municipality to invest in a systematic program to support research projects since 1994, coordinated by the signatory and, at the beginning of the second decade of the 21st century, to move towards a project to disseminate this heritage, through the creation of a museum dedicated to megalithism. The Interactive Museum of Megalithism in Mora is a museum that combines the more traditional view of museology with new interactive trends and aims to be an option of high cultural quality, for a tour in the interior of the country.

Keywords: Megalithism; Mora; museum; divulgation; tourism; archaeology.

1

. COLECIONISMO E MUSEUS

“Os objectos arqueológicos passam a despertar um fascínio em particular por parte dos colecionadores. A partir do século XVIII, estes objectos, a par das obras de arte, mereceram destaque em gabinetes de curiosidades que surgiram um pouco por todo o país.”

COUTO (2011: 6-7).

O ato de guardar objetos “bonitos” parece ser uma característica do homem, surgindo este tipo de colecionismo referido em textos do período clássico e, muito provavelmente, existiria já em tempos pré-históricos e pode, em parte, explicar a presença de determinadas rochas/minerais em áreas distantes da sua origem natural.

Intervenções realizadas em sítios do período romano revelam, com alguma frequência, a existência de objetos de períodos anteriores, nomeadamente do Neolítico, sobretudo machados de pedra polida. Na realidade, o colecionismo das chamadas “pedra de raio” existia ainda no Alentejo em pleno século XX, nuns casos por ser ainda um objeto utilitário (cunha para prender portas ou janelas) noutros, porque as populações consideravam que afastava os raios.

Mas, a mais antiga referência à existência de uma coleção de objetos arqueológicos, em Portugal, parece ser do séc. XV e misturava espólios provenientes de vários locais, nacionais e europeus e, também, de diferentes cronologias (FABIÃO 1989). Já no século XVI temos

uma figura emblemática para a arqueologia portuguesa, André de Resende, que recolheu em sua casa um conjunto significativo de lápides romanas (algumas genuínas, outras nem tanto...) que, para além de serem objetos de estudo serviam para ornamentar a própria residência, prática que se mantém ao longo dos séculos seguintes, com Manuel Severim de Faria e Frei Manuel do Cenáculo, por exemplo. O interesse de salvaguardar e recolher objetos antigos é de tal forma importante que Portugal tem, no séc. XVIII, dois decretos régios sobre este assunto, o Real Decreto de 14 de agosto de 1712 e o Alvará Régio de 20 de Agosto de 1721, onde consta a necessidade de se protegerem todos os vestígios do passado, quer se trate de estruturas, quer de objetos (CORREIA 2001; FABIÃO 1989).

Mas, é a partir da 2ª metade do século XIX que o interesse pelos vestígios dos tempos mais antigos ganha uma dimensão científica, graças ao apoio régio dado à criação de um conjunto de instituições, cujos investigadores são determinantes para o desenvolvimento do conhecimento e afirmação da Arqueologia, nomeadamente a Comissão Geológica do Reino (1857-1868) e a Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes (criada em 1863) mas, também, a criação dos primeiros museus e revistas da especialidade. Entre 1863 e 1897 são criados em todo o reino 14 museus de arqueologia, incluindo o Museu Etnográfico Português (1893) — atual Museu Nacional de Arqueologia — e realiza-se em Lisboa o primeiro grande evento científico internacional, o IX Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas (1880) (DINIZ e GONÇALVES 1993-94; FABIÃO 1989; SANTOS 1980).

2. OS ANTECEDENTES

“La gran mayoría de estas grandes construcciones megalíticas (algunas podría decirse que ya ‘clásicas’) fueron descubiertas y estudiadas antes de mediados del siglo XX, cuando la Arqueología no disponía todavía del arsenal de medios y métodos científicos con el que cuenta hoy. Dada su visibilidad y prominencia en el paisaje, muchos de estos monumentos atrajeron pronto la atención y fueron objeto de estudio en una fase temprana de desarrollo de la Arqueología como disciplina, lo cual tuvo importantes consecuencias positivas, pero también algunas consecuencias negativas”.

GARCÍA SANJUAN *et al.* (2016: 506)

Os monumentos megalíticos, funerários ou não funerários, integram as paisagens da maior parte da fachada atlântica da Europa e, apesar de terem sido um tema pouco explorado em Portugal até aos finais do séc. XIX, quer em termos científicos, quer em termos artísticos, o mesmo não aconteceu para os grandes conjuntos megalíticos europeus, como os da França, da Irlanda, da Inglaterra, por exemplo, onde temos, pelo menos desde o séc. XVII, descrições e reproduções artísticas de inúmeros monumentos, o que conduziu, naturalmente, à sua precoce divulgação científica e exploração turística (BURL 1999; CASSEN *et al.* 1999).

Evidentemente o fascínio que muitas pessoas desenvolveram em torno dos monumentos megalíticos parte de premissas muito imaginativas, baseada em contos, lendas, mitos ou ideias fantasistas que associam este tipo de sítios à presença de potes com moedas, a cerimónias druídicas ou a seres oriundos de galáxias distantes... só assim parecia ser possível explicar a construção de monumentos com pedras de grandes dimensões.

No caso do Sul de Portugal e, mais especificamente no que concerne à região Alentejo, os primeiros monumentos a serem identifica-

dos/estudados, na última década do séc. XIX, foram, naturalmente, os que se apresentavam em melhor estado de conservação, mas, em todos eles, tratou-se apenas de intervenções muito casuísticas e, na maior parte dos casos, direcionadas para a recolha de espólios para as coleções do Museu Etnológico de Lisboa, que se encontrava em fase de formação. De realçar que o intuito de Leite de Vasconcelos, seu fundador e primeiro diretor (1893-1929), era criar um museu que possuísse, nas suas reservas, espólios que representassem todos os períodos cronológicos, de Norte a Sul de Portugal. Para atingir esses objetivos, o museu adquiriu peças a particulares ou promoveu e/ou apoiou intervenções arqueológicas, como foi o caso das realizadas na 1ª metade do século XX, no concelho de Mora.

Na verdade, a maior parte da mancha megalítica (funerária) existente neste concelho foi identificada e intervencionada nesta fase, por funcionários do Museu Etnológico (caso de Vergílio Correia e Manuel Heleno) ou, por investigadores com ligações pessoais/profissionais aos mesmos (Irisalva Moita). Efetivamente, quando elaboramos a história da investigação realizada neste contexto verificamos que, para além dos trabalhos mais casuísticos realizados por amadores ou no âmbito do projeto de recolha de espólios promovido por J. Leite de Vasconcelos, o estudo sistemático do megalitismo alentejano inicia-se na área de Pavia, com V. Correia, entre os anos de 1914 e 1918, e é um trabalho pioneiro a nível nacional pois, pela primeira vez, temos a definição de um trabalho científico em função de uma área e de uma temática/cronologia bem definida (CORREIA 1921; ROCHA 1999, 2005).

V. Correia, então conservador do Museu Etnológico, chega a Pavia em finais de 1913, para verificar a informação fornecida por um colega e amigo, Dr. Joaquim Arnaud, sobre a destruição de uma anta que teria fornecido materiais de qualidade, que estavam guardados e poderiam ser do interesse do Museu. Aparentemente V. Correia para além de proceder à recolha deste espólio visitou outras antas existentes na área e, tendo obtido apoio do seu amigo que lhe garantia as suas estadias nesta vila alentejana (alojamento e transporte em charrete para

as suas deslocações no campo), propôs a Leite de Vasconcelos, no seu regresso a Lisboa, realizar um trabalho mais sistemático de inventário e escavações neste conjunto que, naturalmente, servia os interesses do museu uma vez que iria contribuir para o enriquecimento dos seus depósitos. Obtidos todos os apoios e autorizações, V. Correia regressa a Pavia e, entre os anos de 1914-15 e 1918 identifica 71 monumentos megalíticos funerários dos quais escava 48. Naturalmente que quando verificamos o número de intervenções realizadas em cada ano (cerca de 16/ano), se percebe que as metodologias utilizadas são completamente diferentes das atuais, uma vez que o objetivo parece ter sido o de escavar o maior número de monumentos, no menor espaço de tempo possível, atendendo à descrição dos trabalhos que realiza num dia “ (...) em 8 na *Adua primeira (Pavia)* e nas da *Madre de Deus (Tramagueira)*” (CORREIA 1914: 191).

Numa altura em que nem a carreira de arqueólogo estava regulamentada, nem existiam estudos superiores específicos, qualquer pessoa podia realizar trabalhos arqueológicos, para além de que, os trabalhos no campo eram executados por trabalhadores rurais, neste caso maioritariamente mulheres, uma vez que, como se depreende pelas datas, a maioria dos homens tinham sido mobilizados para a 1ª Guerra Mundial, tal justifica que o registo das intervenções e a recolha do espólio fosse, sem dúvida, muito deficitária. Apesar de ter sido publicada uma monografia, para alguns dos monumentos intervencionados, a informação é muito sucinta, como reconhece o autor “*Para no alargar demasiado este trabajo acerca de los monumentos explorados en 1914 y 1915, quando yo ejercía el cargo de conservador del Museo Etnológico, daré solo indicación de la situación y de alguna particularidade de mayor interés arqueológico. De las exploraciones de 1918 haré, sin embargo, una descripción más amplia y documentada*” (CORREIA 1921: 26). Na realidade, por motivos ainda não totalmente esclarecidos, no decurso deste projeto, V. Correia incompatibilizou-se com Leite de Vasconcelos que lhe vedou o acesso a todo o espólio e documentação remetida regularmente para o Museu e boicotou a publicação deste trabalho em Portugal.

A segunda fase de trabalhos arqueológicos, sistemáticos, neste concelho, centra-se na freguesia de Brotas e é protagonizada pelo próprio Diretor do Museu Etnológico, à data, Manuel Heleno que, nos anos de 1937 e 1938, regista e/ou intervenciona 38 monumentos. Tudo indica que M. Heleno terá decidido trabalhar no Alentejo, entre 1933 e 1945, influenciado pelo que viu e leu nos manuscritos de campo de V. Correia (ROCHA 2005) e, também, por considerar que os mesmos tinham sido muito deficitários e necessitavam de ser revistos. No entanto, apesar de ter reescavado cerca de meia dúzia, não se abalançou a estender esta revisão à freguesia de Pavia. Infelizmente os resultados das suas investigações, por motivos vários, ficaram por estudar e publicar até à 1ª década do séc. XXI (*Idem, Ibidem*).

Na década de quarenta e cinquenta do século XX, Georg e Vera Leisner realizaram um estudo de inventário, escavação e publicação de monumentos megalíticos funerários no Alentejo. Apesar de nunca terem intervencionado nenhum dos monumentos existentes no concelho de Mora, provavelmente porque à data esta área “pertencia” a Manuel Heleno, realizaram um meritório trabalho de compilação dos dados existentes, publicando na sua obra de referência, “*Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel: Der Westen*” (1956, 1959), descrições de monumentos e espólios, muitos ainda inéditos identificados por V. Correia e M. Heleno.

A finalizar esta primeira fase de investigação realizada no concelho de Mora, temos Irisalva Moita, aluna e discípula de M. Heleno, investigadora no Museu Etnográfico e bolseira do Instituto de Alta Cultura que chega a Pavia, em 1952, com o intuito de “ (...) *continuar a exploração da zona iniciada por Vergílio Correia, cujos resultados foram publicados na citada obra El Neolítico de Pavia, e na medida do possível, fazer a sua revisão...*” (MOITA 1956: 136). Apesar de nunca o referir explicitamente é claro que esta “missão” lhe foi atribuída por M. Heleno, uma vez que os seus interesses pessoais se centravam noutro período cronológico, completamente distinto, o romano. Durante a sua (curta) permanência no concelho de Mora, I. Moita procedeu à escavação de seis monumentos dispersos pelas freguesias de Pavia, de Mora e do

Cabeção. Inexplicavelmente esta investigadora, não só, não reescavou nenhum dos monumentos intervencionados por V. Correia, como se afastou desta sua tarefa inicial, uma vez que, após a escavação de dois monumentos na freguesia de Pavia, abandona esta área e passa para uma área não trabalhada por V. Correia, nem por M. Heleno (freguesia de Mora), onde identifica e intervenciona quatro monumentos inéditos. O resultado da sua investigação é integralmente publicado na revista do museu: “*O Arqueólogo Português*” (MOITA 1956).

Todo o espólio recolhido nas dezenas de intervenções arqueológicas realizadas no concelho de Mora, ao longo da 1ª metade do século XX, foi remetido para o Museu Etnológico, de modo a dar cumprimentos aos objetivos estabelecidos por Leite de Vasconcelos.

Depois de um hiato de quatro décadas, inicia-se a partir de 1994 um projeto de investigação em torno do megalitismo desta área que, numa primeira fase se centra apenas na freguesia de Pavia, com uma reavaliação dos trabalhos realizados por V. Correia, coordenado pela signatária (ROCHA 1997, 1999). No âmbito deste primeiro projeto de investigação foram identificados novos monumentos megalíticos, funerários e não funerários, bem como um conjunto significativo de locais de povoamento, compatíveis com a ocupação megalítica (IV-III milénio a.C.) que, nos anos subsequentes, permitiram realizar novas intervenções arqueológicas, traduzido em dezenas de publicações, que vieram consolidar e ampliar substancialmente o conhecimento científico que se tinha deste concelho e fornecer uma base sólida para a criação do primeiro museu em Portugal dedicado ao megalitismo.

3. O MUSEU INTERATIVO DO MEGALITISMO

3.1. O projeto

“The concept of the intervention is a scenographic three-dimensionalisation of the archaeologist’s scientific representations of the archaeological site interventions. This concept mimics the custs in the terrain made by archaeologists, wich, in the exhibition are used for circulation, exhibition spaces and contemplative moments.”

VERÍSSIMO *et al.* (2020: 85)

Apesar do desejo de criação de um núcleo museológico dedicado ao megalitismo não ser novo, pois existiram algumas tentativas anteriores conduzidas pela Junta de Freguesia de Pavia, na última década do século XX, certo é que vicissitudes várias acabaram por nunca lhes permitir concretizar esse ensejo.

A autarquia de Mora, depois de ter inaugurado em 2007 o primeiro Fluviário existente em Portugal, decide criar uma nova estrutura que viesse complementar a oferta cultural deste município e, naturalmente, dada a importância do megalitismo neste concelho, optou por valorizar este património.

O processo de conceção deste museu teve, fundamentalmente, duas grandes etapas, com distintas conceções em relação à arquitetura e aos conteúdos previstos. A primeira etapa inicia-se, ainda em 2012, quando a Câmara Municipal de Mora abre um Concurso Público Internacional para apresentação de projetos com vista à requalificação do antigo edifício da estação ferroviária (encerrada em 1987), num valor de cerca de 1,5 milhões de euros, que viria a ser ganho pelo atelier de arquitetura CVBD Arquitetos Associados (VERÍSSIMO *et al.* 2020). Nesta fase o projeto denominava-se “*Estação Imagem*” e pretendia criar um espaço lúdico e pedagógico que divulgasse a história do concelho e se tornasse uma referência turística para a região. Tratava-se, pois, de



Figura 1. Aspeto da estação antes das obras de requalificação.

um espaço multidisciplinar que incluía uma sala para uma exposição permanente com 200m² (dedicada ao megalitismo), uma sala de exposições temporárias com 80m², a sala de Estação Imagem com 80m², uma biblioteca que albergaria também os arquivos do município, para além de outros espaços técnicos e utilitários. O projeto incluía também a requalificação da área das vias férreas e dos outros espaços, como o edifício armazém da estação ferroviária.

Numa segunda fase, que ocorre em 2014, o projeto acaba por ser substancialmente alterado e ampliado, devido à disponibilidade de mais fundos comunitários, acabando pelo seu custo final se situar em cerca de 2,5 milhões de euros. Assim, para além da requalificação dos espaços pré-existentes, passam a existir dois novos espaços, um dedicado ao museu, no lado oeste e, o outro, uma cafetaria, no extremo este. Com este projeto alteram-se também os conteúdos, deixando de existir o espaço “*Estação Imagem*” e também a componente dedicada aos arquivos, ficando o edifício principal, no piso térreo, com uma área

de biblioteca e áreas de serviços, como a recepção e sanitários e, no piso superior, com um espaço internet. O edifício do armazém passou a ter outra finalidade, um espaço dedicado aos mais novos, mas com a possibilidade de poder acolher mais atividades, como exposições temporárias ou conferências. Estava assim definido o que seria o futuro Museu Interativo do Megalitismo de Mora, um espaço que permitia receber não apenas um conjunto de espólios representativos do megalitismo, mas também, incorporar outros equipamentos interativos que dão resposta às novas tendências da museografia e preferências do público.

2.2. Os espaços

Como se referiu, o projeto final do museu abrangia os dois espaços principais da antiga gare de Mora e a construção de dois novos edifícios, nos dois extremos. Todos os espaços foram perfeitamente alinhados a partir do cais de passagem e acesso dos passageiros aos comboios, onde foi criado um extenso corredor que permite o acesso a todas as áreas, exceto a de cafetaria (Fig. 2). Este corredor, que no projeto acabou por ser naturalmente mais comprido que o pré-existente, é, também ele, uma área perfeitamente enquadrada neste espaço cénico e, apesar de ser fechado, fica parcialmente aberto uma vez que apresenta uma estrutura metálica com aberturas, de diferentes tamanhos, em torno de uma figura geométrica, o triângulo (Fig. 2). Na realidade, esta forma está subjacente à estética deste espaço e representa um dos motivos existentes nas Placas de Xisto, depositadas nos monumentos funerários, revestindo também a base das paredes dos novos edifícios, no exterior sul. Toda esta estrutura possui também iluminação, produzindo um forte efeito visual à noite (Fig. 2).

A figura central deste conjunto é o edifício da antiga estação, onde se encontra a entrada para o núcleo museológico e biblioteca no piso inferior (Fig. 3) e um espaço internet, no piso superior.



Figura 2. Pormenores dos novos espaços.



Figura 3. Pormenores do piso térreo: biblioteca e receção.

2.2.1. Espaço museológico

O espaço que alberga a componente museológica, com 400m², fica localizado no lado mais a oeste deste conjunto e possui, no seu interior, uma estrutura modelada em madeira que pretende recriar a configuração natural de um terreno, através da sobreposição de diferentes planos de madeira. Dentro deste modulado foram definidos quatro espaços (Apresentação, Vida, Morte e Contemplação) onde se inserem áreas expositivas, com espólios, maquetes, mas, também, vitrines e outros equipamentos interativos (Fig. 5). Em termos de projeto, este foi um espaço que se foi construindo num diálogo permanente entre

os diferentes intervenientes da CVBD Arquitectos Associados, da P-06 Atelier e da arqueologia. Na realidade, até quase ao final da montagem do modulado, fomos fazendo alterações de modo a criar novos espaços e inserir novos conteúdos.



Figura 4. Interior do espaço museológico.



Figura 5. Pormenor de alguns dos conteúdos interativos existentes.

Não possuindo o município de Mora um acervo próprio devido ao fato das escavações, que produziram uma quantidade substancial de espólios, terem sido realizadas na primeira metade do século XX e, como referimos anteriormente, se encontrarem depositados no Museu Nacional de Arqueologia (MNA), houve que proceder a negociações

com diferentes entidades no sentido de se estabelecerem protocolos para cedência temporária de coleções. Este foi, na prática, o processo mais difícil deste projeto porque, para além dos espólios de Mora ainda não estarem todos devidamente catalogados no MNA, razão pela qual o município teve de criar um estágio PEPAL com esse objetivo, nem todos os espólios tiveram autorização para saírem das reservas do MNA, por serem consideradas “coleções de referência”. Por outro lado, como o objetivo era também demonstrar que, neste vasto espaço que constitui a região Alentejo, independentemente do tipo de arquiteturas funerárias, existia um fundo comum que atesta os contactos existentes entre as populações que o habitaram entre o IV e o III milénio, houve também necessidade de se negociar com outras entidades, nomeadamente o município de Sesimbra e a Direção Geral de Veterinária/ Direção Regional de Cultura do Alentejo. Assim sendo, atualmente, o Museu Interativo do Megalitismo de Mora possui em exposição materiais provenientes de monumentos megalíticos funerários do conjunto megalítico de Mora, de Alter do Chão (Coudelaria de Alter do Chão) e também de grutas da área de Sesimbra (Lapa do Bugio).

Para além desta exposição, que será mais ou menos permanente uma vez que os protocolos têm de ser ciclicamente renovados (a cada 5 anos), o que poderá significar alterações em alguns dos materiais expostos, o Museu realiza ainda algumas exposições temporárias (com materiais arqueológicos ou outros conteúdos), em torno de eixos temáticos definidos, no edifício localizado a este, onde se encontra também o espaço para os mais jovens. Em 2018 foi uma exposição fotográfica “Vergílio Correia 1888-1944: Um olhar fotográfico”; em 2019, uma exposição fotográfica “Espaços e Memórias: 25 anos de investigação arqueológica em Mora” e uma exposição com alguns dos espólios recolhidos no âmbito dos trabalhos realizados na Barragem do Alqueva “Arqueologia nos Caminhos da Água”. Mas, como referi anteriormente, este é um espaço que pode albergar outras atividades, como a realização de conferências (Fig. 6).



Figura 6. Exemplo de algumas das atividades realizadas no espaço juvenil.

A Sala Atividades apresenta também os conteúdos para o público mais jovem, com diferentes tipos de atividades, desde mesas com quizzes, cujos conteúdos se baseiam ou em peças arqueológicas, ou em perguntas sobre algumas das atividades realizadas na Pré-História, ao *bowling*, ou ainda, para os mais pequenos, simples jogos projetados no chão (Fig. 7). Este espaço permite desenvolver oficinas dentro do projeto pedagógico do Museu, como “Quem quer ser um Arqueólogo?”, “Pão com Queijo”, “Pinturas Rupestres” realizadas pelos técnicos do Museu, mas também outras realizadas por formadores convidados, como foi o caso da Oficina de Talhe, realizada pelo Doutor Nelson Almeida (DRCA lentejo).



Figura 7. Interior do espaço dedicado aos mais jovens, com diferentes tipos de atividades interativas.

Desde a sua abertura em setembro de 2017 até ao final de 2020, o Museu Interativo do Megalitismo recebeu cerca de 23 mil visitantes, maioritariamente portugueses (85%) e da região de Lisboa. Os restantes 15% são constituídos por espanhóis (10%), turistas do Norte da Europa (4%) e os restantes 1% são de outros pontos do globo. Face aos problemas e constrangimentos provocados pela pandemia do SARS-Cov-2, com consequentes períodos de confinamento e interdição de circulação, o Museu teve de se adaptar e procurar uma programação mais criativa, através da planificação de atividades baseadas na interação e divulgação digital, com visitas virtuais em 3D ao Museu Interativo do Megalitismo e ao património arqueológico da região, de forma a continuar a chegar ao público. Assim, estão a ser disponibilizados, quinzenalmente, vídeos sob o tema “Viagem ao Passado” que pretendem dar continuidade à atividade do Museu, mas agora numa nova vertente, online, para chegar a quem nos segue à distância de um clique através da página do Facebook do museu¹.



Figura 8. Pormenor de dois dos vídeos da nossa “Viagem ao Passado”.

O Museu Interativo do Megalitismo de Mora pretende ser uma opção de roteiro e de atração fora dos grandes centros urbanos, proporcionando ao visitante experiências enriquecedoras através de uma grande interação com os conteúdos. Com temáticas didáticas apresentadas num discurso que se pretendeu simples e claro, direcionado para um público-alvo não especialista, a equipa técnica teve uma evidente preocupação com a construção de novas formas de comunicação, de programação dos espaços e de apresentação dos conteúdos.

¹ <https://www.facebook.com/museumegalitismo>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVIM, P.; ROCHA, L. (2011) - Os menires do Alto da Cruz: novos dados e algumas reflexões sobre o Megalitismo da área de Brotas (Mora). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 14. Lisboa: IGESPAR, p. 41-55.
- CALADO, M.; ROCHA, L. (2008) - Sources of monumentality: standing stones in context (Fontainhas, Alentejo Central, Portugal). *Early Neolithic in Iberian Peninsula Regional and transregional components / Le Néolithique ancien dans la Péninsule Ibérique. Les éléments régionaux et transrégionaux*. DINIZ, M. (ed) *BAR International Series S1857*. 8, p. 61-70.
- CALADO, M.; ROCHA, L.; ALVIM, P. (2012) - *O tempo das Pedras. Carta Arqueológica de Mora*. Mora: Câmara Municipal de Mora.
- CALADO, M.; ROCHA, L.; ALVIM, P. (2007) - Neolitização e Megalitismo: o recinto megalítico das Fontainhas (Mora, Alentejo Central). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 10. Nº 2. Lisboa: IPA, p. 75-100
- CÂMARA, A.; ROCHA, L.; BATISTA, T. (2017) - A Arqueologia aérea: métodos e técnicas para a observação de dólmens. O caso de Mora e Arraiolos. *Arqueologia em Portugal 2017 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 529-540.
- CARVALHO, A.F.; ROCHA, L. (2016) - Datação direta e análise de paleodietas dos indivíduos da anta de Cabeceira 4.^a: contribuição para o estudo das origens do megalitismo do centro e sul de Portugal. *digitAR. Revista digital de Arqueologia, Arquitetura e Artes*. 3. Coimbra: Imprensa Universidade de Coimbra, p. 53-61.
- CORREIA, V. (1914) - Crónica. Excursões arqueológicas ao Alentejo. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Etnológico Português. Série I. 19, pp. 189-192.
- CORREIA, V. (1921) - *El Neolítico de Pavia*. Madrid: Museo Nacional de Ciencias Naturales.
- COUTO, S.A.C. (2011) - *Objectos da coleção arqueológica do Museu Nacional Soares dos Reis: estudo e mediação*. Porto: Faculdade de Letras (dissertação de mestrado policopiada).
- DUARTE, C; ROCHA, L; PINHEIRO, V. (2003) – A necrópole da 1ª Idade do Ferro do Monte da Têra (Pavia). In: Paleoecologia Humana e Arqueociências: um Programa Multidisciplinar para a Arqueologia sob a Tutela da Cultura. José Eduardo Mateus, Marta Moreno-García, eds. *Trabalhos de Arqueologia*. 29. Lisboa: IPA, p. 269-270.

- GARCÍA SANJUÁN, L; FERNÁNDEZ FLORES, A; DÍAZ-ZORITA BONILLA, M. (2016) - Montelirio. Valoración e interpretación de una tumba excepcional. Montelirio. In: FERNÁNDEZ FLORES, GARCÍA SANJUÁN, L; DÍAZ-ZORITA BONILLA, M., eds. *Un gran monumento megalítico de la Edad del cobre*. JUNTA DE ANDALUCÍA. Consejería de Cultura, p. 503-553.
- LEISNER, G; LEISNER, V. (1959) - *Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel: Der Westen*. Berlin, II-2.
- MOITA, Irisalva (1956) - Subsídios para o estudo do Eneolítico do Alto Alentejo. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Etnológico Português. Série II. 3, p. 135-176.
- ROCHA, L. (2020) - Datações absolutas para contextos funerários do Sul de Portugal: algumas reflexões em torno das arquiteturas e dos espólios. *Scientia Antiquitatis*. n. 2/2020, Évora, p. 81-104.
- ROCHA, L. (2018a) - Museu Interativo de Mora: o primeiro museu de megalitismo em Portugal. *Anuário do Património*. 3. Lisboa: Canto Redondo, p. 247-251.
- ROCHA, L. (2018b) - Património Arqueológico no concelho de Mora: um exemplo de gestão. *GENIUS LOCI. Lugares e Significados. Places and Meanings*. Lúcia Rosas, Ana Cristina Sousa & Hugo Barreira (coord.) vol. 3. Porto: CITCEM, p. 105-116.
- ROCHA, L. (2018c) - Novos dados sobre o megalitismo de Mora. *Scientia Antiquitatis*. 2/2018. Évora, p. 3-22.
- ROCHA, L. (2018d) - A Anta dos Pardais 4 (Cabeção, Mora) novos dados arqueológicos sobre o megalitismo de Mora. *Atas do VIII Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Serpa: Câmara Municipal de Serpa, p. 35-46.
- ROCHA, L. (2017) - Contributo para o estudo da neolitização do Alentejo Central: o povoamento mais antigo na área de Mora (Portugal). *Scientia Antiquitatis*. [S.l.], 1/2017. Évora, p. 83-100.
- ROCHA, L. (2016a) - Percorrendo antigos [e recentes] trilhos do Megalitismo Alentejano. SOUSA, A.C; CARVALHO, A; VIEGAS, C. (eds). *Estudos & Memórias*. 9. Lisboa, p. 167-177.
- ROCHA, L. (2016b) - Nouvelles [et anciennes] données sur l'art mégalithique en Alentejo. *ARPI. Arqueología y Prehistoria del Interior Penínsular*. 4. UAH: Alcalá de Henares, p. 237-247.
- ROCHA, L. (2015) - A Anta-Capela de Pavia (Mora): novos dados sobre o megalitismo desta área. *VII Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. MEDINA ROSALES, N. (Ed.). Ayuntamiento de Aroche, p. 235-250.

- ROCHA, L. (2012) - Anta do Monte das Figueiras. *O tempo das Pedras. Carta Arqueológica de Mora*. Mora: Câmara Municipal de Mora.
- ROCHA, L. (2010) - Arte rupestre e sociedades camponesas. Uma associação sistemática no Alentejo Central (Portugal). *FUMDHAMentos*. IX. Piauí: Fundação Museu do Homem Americano. Artigo 103.
- ROCHA, L. (2005) - *As origens do megalitismo funerário no Alentejo Central: a contribuição de Manuel Heleno*. Tese de doutoramento policopiada. Lisboa: FLL.
- ROCHA, L. (2003a) - O monumento megalítico da Idade do Ferro do Monte da Têra (Pavia, Mora). Sectores 1 e 2. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 6. Nº 1. Lisboa: IPA, p. 121-129.
- ROCHA, L. (2003b) - O monumento megalítico do Monte da Têra (Pavia, Mora), Sector 2: resultados das últimas escavações. *Trabalhos de Arqueologia*. 25. Lisboa: IPA, p. 339-350.
- ROCHA, L. (2001) - Povoamento Pré-histórico da área de Pavia. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 4. Nº 1. Lisboa: IPA, p. 17-43.
- ROCHA, L. (2000) - O Alinhamento do Monte da Têra, Pavia (Mora): resultados da 1ª campanha (1996). *Trabalhos de Arqueologia*. 16. Lisboa: IPA, p. 183-194
- ROCHA, L. (1999a) - *Povoamento Megalítico de Pavia. Contributo para o conhecimento da Pré-História Regional*. Setúbal: Câmara Municipal de Mora.
- ROCHA, L. (1999b) - Aspectos do Megalitismo da área de Pavia, Mora (Portugal). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 2. Nº 1. Lisboa: IPA, p. 71-94.
- ROCHA, L. (1999c) - O megalitismo funerário da área de Pavia, Mora (Portugal). *Estado actual da investigação. II Congrès del Neolític a la Península Ibèrica*. Valencia, p. 604-622.
- ROCHA, L. (1997a) - *Povoamento Megalítico de Pavia. Contributo para o conhecimento da Pré-História Regional*. Tese de mestrado policopiada. Lisboa: FLL.
- ROCHA, L. (1997b) - Os menires de Pavia, Mora (Portugal). *Actas do II Congreso Peninsular de Arqueología*. Tomo II. Zamora, p. 221-228.
- ROCHA, L.; ALVIM, P. (2018) - *O Menir do Cabeço da Areia (Brotas, Mora)*. DE GIBRALTAR AOS PIRENÉUS. Megalitismo, Vida e Morte na Fachada Atlântica Peninsular. Senna- Martínez, J.C; Diniz, M; Carvalho, A.F. (Eds). Nelas: Fundação Lapa do Lobo, p. 341-352.
- ROCHA, L.; ALVIM, P. (2016) - Alto da Cruz (Mora, Portugal): um exemplo da diversidade e ritualidade megalítica. *VI Congreso del Neolítico en la Península Ibérica. Libro de resúmenes de comunicaciones y pósteres*. Granada, p. 107.

- ROCHA, L; ALVIM, P. (2015) - Novas e velhas análises da arquitectura megalítica funerária: o caso da Mamoia do Monte dos Condes (Pavia, Mora). *Estudos & Memórias*. 8. Lisboa. p. 557-563.
- ROCHA, L; CALADO, M, ALVIM, P. (2011) - Carta Arqueológica de Mora. *Encontro Arqueologia e Autarquias*. ALMEIDA, M^a J; CARVALHO, A. (eds). Cascais: C.M. Cascais, 155-164.
- ROCHA, L; CALADO, M. (2006) - *Megalitismo de Mora: nas fronteiras do Alentejo Central*. Lisboa: Apenas Livros, Lda.
- ROCHA, L; CALADO, M. (1996) - Neolitização do Alentejo Interior: Os casos de Pavia e Évora. *Rubricatum*. vol. 2. Gavà-Bellaterra, p. 673-682.
- ROCHA, L; DUARTE, C; PINHEIRO, V. (2005) - A necrópole da 1^a Idade do Ferro do Monte da Têra, Pavia (Portugal): dados das últimas intervenções. *Actas do III Simpósio Internacional de Arqueologia de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental*. 1. Mérida: CSIC/ Junta de Extremadura/ Consorcio de Mérida, p. 605-614.
- ROCHA, L; MATALOTO, R. (2012) - O conjunto megalítico do Monte da Têra. *O tempo das Pedras. Carta Arqueológica de Mora*. Mora: Câmara Municipal de Mora.
- ROCHA, L; MIRÃO, J. (2018) - Novos dados sobre o megalitismo de Mora: a Anta do Pequito Velho (Mora, Portugal). *Scientia Antiquitatis*. 2/2018. Évora, p. 3-22.
- TELES, L; ROCHA, L. (2017) - Os componentes de tear no Castelo de Pavia. *Arqueologia em Portugal 2017 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 661-670.
- VERÍSSIMO, C; BURNAY, D; SANTOS, T.F. (2020) - *La gare de Mora transformee en musee / Mora railway station transformed into a Museum*. Lyon: ESAIL LAB. École Supérieure d'Architecture Intérieure de Lyon.